

---

**MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES: ENTRE LEMBRANÇA E ESQUECIMENTO**MEMORY AND REPRESENTATIONS: BETWEEN REMEMBERING AND FORGETTING

---

**Débora Adriano Sampaio**

Doutora e Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB). Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora Adjunta do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-0545-7379>. E-mail: [debora.sampaio@ufca.edu.br](mailto:debora.sampaio@ufca.edu.br)

**Esdras Renan Farias Dantas**

Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB). Especialista em Gestão Pública pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Bibliotecário da UEPB. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7667-2418>. E-mail: [renanfdantas@hotmail.com](mailto:renanfdantas@hotmail.com)

**RESUMO**

O presente estudo analisa a construção e a inter-relação dos conceitos de memória e representação, dialogando sobre passado/presente e o processo de lembrar e esquecer no tempo e no espaço para consolidação das identidades culturais. Tem como objetivo discutir a memória como ‘devir’, que confere substrato para a construção de representações, as quais visam o não esquecimento em qualquer instância, seja ela política, social ou ideológica, e a memória como parte integrante dos sujeitos sociais, que interfere nas identidades construídas e representadas no interior das relações sociais. A discussão dialoga com teóricos do campo das ciências humanas e sociais por meio da pesquisa bibliográfica e exploratória, traçando um percurso discursivo que prioriza a compreensão sobre a construção de identidades culturais a partir das representações da memória.

**Palavras-chave:** Memória social. Representação da memória. Identidade cultural.

**ABSTRACT**

The presente study analyzes the construction and interrelationship of the concepts of memory and representation, dialoguing about the past and present and the process of remembering and forgetting in the time and space for consolidating cultural identities. It aims to discuss memory as ‘becoming’, which provides a substrate for the construction of representations that aim at not forgetting in any instance, whether it is political, social or ideological. As social individuals, memories interfere with identities constructed and represented within social relationships. The discussion dialogues with theorists in the field of human and social sciences through bibliographical and exploratory research, tracing a discursive course that prioritizes the understanding the perception of the construction of cultural identities based on memory representation.

**Keywords:** Social memory. Memory representation. Cultural identity.

## 1 INTRODUÇÃO

A sociedade atual tem sido, cada vez mais, caracterizada como a sociedade do esquecimento, “marcada pelo domínio homogeneizador da informação midiática” (SILVA, 2001, p. 102). Recuperar o passado, seja ele individual ou coletivo, por meio da memória configura-se atualmente como um dos caminhos mais difíceis e desafiadores, porém possíveis, para a redescoberta dos processos de representação social e cultural e, por conseguinte, para a redefinição de projetos que relacionam passado, presente e futuro.

Nessa perspectiva, no contexto atual em que a memória tem sido, muitas vezes, ameaçada pelo esquecimento, seja ele político, social ou ideológico, objetivamos refletir sobre a memória como um ‘devir’, que confere substrato para a construção de representações, tendo em vista que as nossas memórias, por outro lado, representam o que somos enquanto sujeitos sociais, consolidando nossas identidades construídas no interior das relações sociais.

Dessa forma, é importante destacar a relação entre memória e cultura a partir do viés particular (memória individual) e coletivo (memória coletiva) no espaço e no tempo. O tempo tem ação sobre o espaço da experiência destituindo a diferenciação e/ou a integração, resultando em movimentos culturais identitários. Sob a ação do tempo, o espaço da experiência produz possibilidades de sistematizar as lembranças em memórias, o que é possível somente por meio da consciência do momento do presente.

A esse fenômeno podemos chamar de ‘Rizomas da Memória’, isto é, quando percebemos o movimento de desenraizamento no espaço das experiências, o qual provoca certo “alisamento” que reage sobre o espaço “estriado” – ou seja, amarrado pelos registros do real, do imaginário e do simbólico –, como ocorre, de forma semelhante, nos processos memorialísticos. (DELEUZE E GUATTARI, 1997)

A ‘memória’, diferentemente da lembrança, alicerça-se sobre experiências instituídas por um sujeito ou grupo social e é atualizada ou reelaborada em determinados contextos históricos, podendo ser constituída como fonte histórica. A lembrança, por outro lado, é uma representação produzida pela experiência memorialística.

Os deslocamentos entre o tempo passado e o tempo presente e, conseqüentemente, um tempo futuro, explicam, muitas vezes, os problemas ligados à transmissão ou representação da memória. Visando um tempo futuro, a memória se conserva no tempo contra o próprio tempo (o esquecimento e o apagamento).

Assim, representar a memória pode ser entendido como uma tentativa de a perpetuar, de não a apagar, de não a perder. Em outras palavras, essa representação configura-se como uma tentativa de reconhecer a memória sob diversos olhares e leituras, em diferentes tempos e espaços, tendo em vista a realidade simbólica construída e desconstruída constantemente pelo homem. Tal realidade, por sua vez, é necessária para a compreensão do tempo e do espaço, onde a ausência da abstração não nos permitiria percebermos o mundo como é percebido, e assim, a sociedade em que vivemos e nos constituímos como seres humanos pode ser vista como um complexo sistema de signos que nos permite elaborarmos representações constantes.

## **2 MEMÓRIA: AS REPRESENTAÇÕES DO PASSADO**

Os fenômenos da memória, tanto nos seus aspectos biológicos como nos psicológicos, não são mais do que resultados de sistemas dinâmicos de organização e apenas existem na medida em que as organizações os mantêm ou os reconstituem (LE GOFF, 2003).

Em nosso convívio social e individual, somos atores sociais, pois construímos uma memória e a representamos. Assim, essa memória está sujeita a transformações e, por isso, é dinâmica.

[...] entre sujeito e memória há relações de desejo e vontade mediante os quais o sujeito busca chegar às entranhas daquela. Tal busca implica uma viagem mágico-mítica ao longo da qual se têm descobertas. Busca-se um arquétipo, a origem das sensações presentes (FEITOSA, 1998, p. 99).

Na direção desse pensamento, Pollak (1992, p. 202) apresenta alguns elementos constitutivos da memória, que são os “acontecimentos, personagens e lugares”. Ao nos referirmos aos acontecimentos, podemos entendê-los tanto na esfera individual quanto na coletividade. No aspecto da coletividade, os acontecimentos seriam aqueles que, mesmo quando o indivíduo não participa ativamente, seja em seu imaginário, têm determinada e relevante importância política, social e histórica. É possível que ocorra, nesse ínterim de socialização histórica, uma forte identificação com o passado, à qual Pollak (1992) se refere como uma memória herdada.

A memória também é constituída por personagens, que não são necessariamente do espaço ou do tempo, mas que foram importantes em determinado momento de construção da memória individual ou coletiva.

E finalmente, os lugares, elementos constitutivos da memória, de modo que “a memória preservada nos sítios e espaços de valor histórico e cultural, funcionam como uma espécie de receptáculo [...]” (FEITOSA, 1998, p. 96). Existem lugares de memória ligados a uma lembrança pessoal por servir de base a um momento marcante ou por ter importância na construção da memória de um grupo em determinada época.

Encontramos em Le Goff (2003, p. 424) a caracterização do que consiste o ato mnemônico “[...] antes de qualquer coisa pela sua função social, pois é a comunicação a outrem de uma informação, na ausência de um acontecimento ou do objeto que se constitui seu motivo.” Dessa forma, observamos que as linguagens falada e escrita são a extensão das possibilidades de armazenamento da nossa memória; podemos, assim, sair dos limites físicos do corpo. Isso significa que antes de ser falada ou escrita, existe a linguagem que é representada como forma de possibilitar o armazenamento de informações na nossa memória.

Nesse sentido, encontramos no cenário de nossa reflexão a representação da memória, essencial para a construção da identidade cultural de um grupo, uma comunidade. Tal representação se apresenta sob uma ampla e variada gama de informações, representações e expressões da memória coletiva e constitui o fruto da reconstrução de uma série de imagens fragmentadas e de conhecimentos acumulados a partir de experiências vivenciadas.

A memória é um fenômeno construído, e para Pollak (1992), há uma relação muito forte entre memória e o sentimento de identidade cultural; identidade vista como a busca por uma imagem pessoal para si e para o grupo, representada por meio de diferentes expressões e manifestações. Assim, podemos afirmar que a memória individual, de acordo com o repertório cultural de cada um, complementa a memória coletiva e constrói a identidade cultural com base em representações elaboradas pelos próprios sujeitos sociais.

Para o mundo contemporâneo, no entanto, esse fenômeno poderá parecer superficial, uma vez que nele a imagem tem um papel preponderante na vida das pessoas. Há, nas palavras do filósofo Peixoto (1992), uma excessiva banalização dessas imagens; ele ressalta que vivemos no universo da ‘sobre-exposição’ e da obscuridade, um universo saturado, onde a banalização e a descartabilidade das coisas e imagens, por exemplo, é algo fácil de ser percebido. Paradoxalmente, ocorre uma ‘hiper-realização’ do real. A concretude das coisas e do mundo desaparece, cedendo lugar à artificialidade.

Nesse contexto, a modernização cada vez mais acentuada no capitalismo implica a destruição de valores concretos. Para se contrapor a isso, é preciso uma revalorização das tradições.

Com efeito, a tradição seleciona, nomeia, transmite, preserva e representa a memória, o passado. Na sua ausência, não há uma continuidade consciente do tempo, mas da mudança do mundo, do ciclo biológico das pessoas que nele vivem. A sua perda, segundo Arendt (1972, p. 32), dá-se pelo esquecimento, talvez por um lapso que acomete os seres humanos. De acordo com essa autora, “[...] a memória é impotente fora de um quadro de referências pré-estabelecido, e somente em raríssimas ocasiões a mente humana é capaz de reter algo inteiramente desconexo [...]”. É necessário, então, criar e manter esse quadro, isto é, recuperarmos, preservarmos e construirmos representações dessas informações passadas que constituem nossas memórias, para que as perdas não nos levem ao esquecimento. Sem memória, torna-se impossível para o sujeito a construção de sua identidade, transformando-se em um ser perdido à procura de um sentido para aquilo que faz. Em síntese, torna-se um autômato.

A partir da compreensão dessa realidade, podemos nos conscientizar da importância da construção e da representação do nosso passado. Nossa identidade está calcada em uma interpretação duvidosa do que, por exemplo, aconteceu ao longo desses mais de quinhentos anos. Não se permitiu ao povo que mostrasse sua versão sobre o processo de dominação e doutrinação a que fora submetido. É sobre isto que debatemos: a reconstrução da nossa própria história, na tentativa de reconstruir a nossa memória e, conseqüentemente, ressignificar a nossa identidade. Isso pode ser possível a partir da interação entre os sujeitos, apreendidos, nesse cenário, como resultado das relações sociais, nas quais são estabelecidas de forma voluntária e involuntária as ressignificações e representações.

Assim, entendemos que ressignificar as memórias é um caminho possível e fundamental para representá-las. Representar a memória de um povo é compreendermos a possibilidade de dar sentido e significado à sua existência anterior. Porém, o passado não comporta um “antes” e o futuro não comporta um “depois”; os momentos que constituem esse processo são dimensões entrelaçadas umas nas outras (GONDAR; DODEBEI, 2005).

A memória faz com que a história cresça “alimentada” por informações que procuram “salvar” o passado para servir ao presente e ao futuro. A esse respeito, a distinção entre passado e presente é um elemento essencial da concepção do tempo. A diferença que interessa nesse debate, portanto, é a que existe na consciência coletiva, principalmente na consciência histórica social, que pode ser reconstruída constantemente, tendo em vista a dinâmica do tempo e das relações estabelecidas no seio da sociedade, considerando a pluralidade da diversidade de culturas e valores.

Le Goff (2003, p. 205) complementa que “[...] nas sociedades, a distinção do presente e do passado (e do futuro) implica essa escalada na memória e essa libertação do presente que pressupõem a educação e, para além disso, a instituição de uma memória coletiva, a par da memória individual.” O passado, portanto, aparece reconstituído em função do presente, da mesma forma que o presente é explicado em função do passado; há uma interação entre eles. Hobsbawm (1998) esclarece, corroborando com este raciocínio, que há sociedades e comunidades para as quais o passado é essencialmente o padrão para o presente. Assim, a construção da memória está intimamente relacionada com as transformações que o presente lhe confere na reelaboração do passado, sendo, portanto, a possibilidade de reelaboração, de reinterpretação do passado.

Nessa direção, compreendemos que a memória é uma representação do que foi lembrado sem descartar as características do tempo e do espaço vividos. Lembrar é, resumidamente, construir uma imagem por meio da imaterialidade que está à nossa disposição no conjunto de representações que povoam nossa consciência. Sem lembrança, não há memória nem a possibilidade de recuperá-la ou conduzir à elaboração de novos sentidos (BOSI, 1994).

Por fim, convém ressaltar que a lembrança envolve os aspectos subjetivos do relacionamento dos sujeitos com a família, com a sociedade e/ou com determinadas comunidades nas quais estão inseridos; em síntese, com os diversos grupos de convívio humano e as diferentes referências, peculiares e inerentes a esses grupos.

Fazer parte de uma comunidade humana é situar-se em relação ao seu passado. Por isso, nossa perspectiva entende que a memória constitui objeto do conhecimento e que, a partir da resignificação e representação da memória, uma das principais funções do presente estudo seja a de contribuir para a compreensão e reflexão da construção e da reconstrução da memória no momento presente e nas ações futuras.

### **3 NAS FRONTEIRAS DO TEMPO: ENTRE LEMBRANÇA E ESQUECIMENTO**

A partir do estudo da mitologia grega, podemos compreender a personificação da memória. A compreensão do mito como revelação e do papel da memória como desveladora de ser e sentido originários direciona a uma aproximação às formas contemporâneas de

abordagem do tema (ROSÁRIO, 2014). Temos em *Teogonia*<sup>1</sup>, de Hesíodo (1992, p. 31-32), por exemplo, a narrativa da origem dos deuses na tradição grega:

[...] no princípio surgiu Gaia (a Terra) de amplos seios, que antes de tudo gera para si própria um consorte, Urano (o Céu). Juntos produzem numerosa descendência. Entre outros seres fantásticos, a hierogamia primordial grega gera os Titãs, e entre eles *Mnemósine*.

A palavra grega *Mnemosyne* vem do verbo *mimnéskein*, que significa ‘lembrar-se de’. Assim, *Mnemosyne* configura-se no universo mitológico grego como a própria personificação da memória (ROSÁRIO, 2002).

As Musas da mitologia cantam os fatos revelados por memória, utilizando o seu canto para alegrar e agradar o espírito de Zeus, o detentor da prudência (*métis*) entre os deuses e os homens, e estabelecem a oposição entre o mundo dos deuses do Olimpo e o mundo dos mortais. Essa habilidade as torna passíveis de reterem, da parte de Zeus, o dom da prudência e da sabedoria. Como resultado dessa mistura (*migéïsa*) entre reflexão e memória, as Musas encontram-se aptas tanto a rememorar como a esquecer as coisas sobre as quais falam. Ao dotar suas Musas dessa memória reflexiva, Hesíodo concede-lhes a capacidade de decidir não apenas sobre os fatos a serem lembrados ou esquecidos, mas também acerca do conteúdo de seu discurso, uma vez que tanto podem proferir verdades como revelar mentiras (SOUZA, 2011).

Diferenciando-se das Musas homéricas, cujo canto promete ser verdadeiro, Souza (2011) destaca que, embora nem sempre os discursos de seus personagens representem verdades, as Musas hesiódicas anunciam sua dupla faculdade em pronunciar discursos verdadeiros ou falsos. Isso pode ser visualizado no fato de que Hesíodo dá as Musas o poder de decisão sobre o discurso mais conveniente a ser utilizado, capaz de representar mentiras semelhantes a verdades ou aquele apto a proclamar verdades realizando uma quebra com a tradição poética anterior, uma vez que o canto das Musas era marcado pelo critério de narrar mentiras semelhantes a fatos reais, e não à verdade. Portanto, o que Hesíodo quer condenar através das Musas não é o fato de a verdade ser adotada como juízo de valor, mas aqueles que "em sua rudez não distinguem *pseúdea* de *aléthea*, tomando tudo por verdadeiro" (BRANDÃO, 2007, p. 20).

Nessa correlação entre o falso (*pseudés*) e o verídico (*alethés*), se a verdade for tomada como a negação de esquecimento (*léthe*), isto é, como "coisas que se rememoram ou

---

<sup>1</sup> HESÍODO. *Teogonia, A origem dos deuses*. Estudo e tradução de J. Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1992.  
Revista Fontes Documentais. Aracaju. v. 03, n. 03, p. 62-75, set./dez., 2020 – ISSN 2595-9778

que se tiram do esquecimento”, temos dois níveis de antagonismos, o primeiro entre “dizer mentiras” (*pseúdea légein*) em oposição a “proclamar verdades” (*alethéa gerysasthai*), e o segundo entre “mentiras” (*pseúdea*) contrapostas a “fatos semelhantes” (*etýmoisin homoía*) (SOUZA, 2011). Porém, as palavras utilizadas por Hesíodo e refletidas por Brandão (2007, p. 17) comportam uma estrutura maior, capaz de conter, em primeiro plano, a oposição entre “mentira” e “fatos semelhantes” e, secundariamente, o conteúdo dos “fatos semelhantes” contraposto ao de “proclamar verdades”. Assim, não se trata de uma mera oposição entre verdade e mentira, mas da valorização da verdade como um atributo específico das Musas.

Resultado da união entre Zeus e Memória, as Musas têm a propriedade não apenas da memória (*mnemosyne*), mas também do esquecimento (*lesmosyne*). O esquecimento das Musas, porém, é seletivo, assim como a lembrança, pois foram geradas para esquecimento dos males e pausa dos sofrimentos. Como filhas de divindades opostas, elas trazem em si o poder da ‘memória’ e da ‘não memória’. Dotar as Musas de uma não memória não significa representá-las desprovidas de todas as memórias, mas dotá-las de uma memória organizada, seletiva, influenciada por Zeus (responsável pela distribuição das honras e dos castigos, na ética hesiódica) (SOUZA, 2011).

Essa dialética constitui dois polos opostos não excludentes; é complexa, significando que toda interpretação deve estar imbuída de um esforço compreensivo (RICOEUR, 1990). Nesse sentido, compreendemos que

[...] o dom de *Mnemósine*: conduzindo o cânto das Musas, confundindo-se mesmo com elas, preside uma função poética. A Grécia arcaica da mesma forma que diviniza a função psicológica da Memória, diviniza a possibilidade de suas funções: a poesia é uma espécie de possessão pelas Musas, de delírio divino que toma o poeta e o transforma no intérprete de *Mnemóysine*, daquela que tudo sabe, e como nos canta Hesíodo - inspiraram-me um cânto divino para que eu glorie o futuro e o passado. (ROSÁRIO, 2002, p. 2).

Não é um passado qualquer que se apresenta no cânto do poeta, e sim a própria possibilidade de ser do mundo, o próprio momento gerador, cujas consequências se veem no mundo presente, neste mundo visível em que vivemos. O cânto das Musas evoca a memória que “presentifica níveis diferentes de ser: leva-nos ao momento mesmo em que se constituem Terra e Céu” (ROSÁRIO, 2002, p. 2-3).

O sentido e a compreensão atual de memória podem ser apreendidos a partir do mito de *Mnemosyne* e das Musas, mais especificamente por meio da significação da palavra “mito”. *Mythos* é uma das palavras gregas que designa o ato da fala e é

[...] correspondente à espantosa exatidão com que o homem na grande época do mito do mundo percebe e se dá conta dos diversos matizes da concretude e da pluralidade, descobre-se um senso de realidade cujo modo privilegiado de conhecimento é a intuição instantânea do sentido totalizante do ser em seres imediatamente dados em cada caso. (VERNANT, 1993, p. 73).

Percebemos, portanto, que o mito é a revelação da própria pluralidade de sentido, ou excede o sentido que o conceito não pode conter. Por isso, a fala do mito não conceitua, porém revela e mostra:

O mito mostra como ser, como o "sendo" do tempo original, em que se constituiu o ser do mundo, dos deuses e dos homens. E o mito, nas sociedades arcaicas, têm o papel essencial de reatualizar aquilo que se passou na origem dos tempos, o que torna fundamental seu conhecimento. (ROSÁRIO, 2002, p. 2).

Assim, apontamos para o termo ‘recordar’, que corrobora com essa discussão. Na perspectiva mítica, ‘recordar’ significa reconstruir um momento originário e torná-lo eterno em contraposição à nossa experiência do tempo como algo que passa, escoa e se perde. A recordação, como recuperação do tempo, confere imortalidade àquilo que ordinariamente estaria perdido de modo irrecuperável sem esta reatualização.

Conforme podemos observar, o papel da memória não é apenas o de simples reconhecimento de conteúdos passados, mas também de um efetivo reviver que leva em si todo ou parte desse passado; é o de fazer aparecer novamente as coisas depois que desaparecem. É graças à faculdade de recordar que, de algum modo, escapamos da morte que aqui, mais que uma realidade física, deve ser entendida como realidade simbólica que cria o antagonismo com relação ao tema ‘esquecimento’. O esquecimento é a impermanência, a mortalidade, e "a natureza mortal procura, na medida do possível, ser sempre e ficar imortal" (PLATÃO, 1972, p. 45).

Memória é imortalidade. O passado contribui de modo efetivo para tornamo-nos o que somos. Entretanto, é importante compreendermos que “[...] a memória não está apenas no passado trazido à tona pela recordação, mas está presente em nossos corpos físicos, em nosso idioma, no que valorizamos, representado nas tradições e costumes, nos modos de ser e fazer [...]” (ROSÁRIO, 2002). Quando falamos em ‘passado’, tendemos a imaginá-lo como pertencente a um tempo distante constituído por cronologias distantes, porém ao refletirmos sobre o ‘ser’,

[...] tendemos a conjugá-lo no passado, no presente e no futuro. Pensamos no que foi, no que é e no que será. Esquecemos o gerúndio; o "sendo" que nos coloca diante da continuidade que relativiza estes lugares estanques de tempo, e faz com que sejamos, a rigor, forjados nesta sucessão incontável de instantes, minutos, horas, dias, anos, séculos e milênios nos quais se teceram a história coletiva da humanidade

e mesmo nossos seres individuais. O que fomos está, pois, contido, conscientemente ou não, naquilo que somos agora. A memória nos identifica individualmente e coletivamente. A memória permite, mesmo que estas linhas sejam escritas em sequência coerente. (ROSÁRIO, 2002, p. 3).

O mito busca ligar a memória ao presente e ao passado, mostrando ao ‘ser’ que existe como se constituiu e no que se fundamenta para vir a *ser*:

Mostra-nos identidade e diferença, nos aponta a repetição, permite que nos admiremos diante do novo. Pois não se diz que é "novo" aquilo diante do qual procuramos referências na memória e não encontramos? E, no instante seguinte àquele em que é percebido, o novo pertence ao passado e ao domínio da Memória. (ROSÁRIO, 2002, p. 4).

Todavia, não é possível lembrarmos tudo, nem de forma pessoal e nem de forma coletiva. Lembramos aquilo que significa algo, aquilo que importa. Entretanto, Ricoeur (2007) pontua que há multiplicidade e graus variáveis de distinção de lembranças. Nesse sentido, enquanto a memória está no singular, as lembranças estão no plural. Ricoeur (2007, p. 4), evoca ainda o pensamento de Santo Agostinho para analisar as lembranças que

[...] se precipitam no limiar da memória. Mas aquilo de que nos lembramos é pela memória que o retemos; ora, sem nos lembrarmos do esquecimento, não poderíamos absolutamente, ao ouvir esse nome, reconhecer a realidade que significa; se é, é a memória que retém o esquecimento.

Nessa discussão, Ricoeur (2007, p. 11) afirma que o que acontece com o ‘verdadeiro esquecimento’ pode ser entendido como privação de memória: “como, então, está aqui para que eu me lembre, uma vez que, quando está aqui, não consigo me lembrar?”. Ele esclarece que é preciso dizer que a memória, no momento do reconhecimento do objeto esquecido, testemunha a existência do esquecimento, porém como poderíamos refletir sobre o esquecimento se realmente esquecêsemos? As forças da lembrança disputam constantemente com as forças que impelem ao esquecimento, cada uma delas buscando realizar sua potência, agindo ou reagindo em função de valores e interesses (GONDAR; DODEBEI, 2005).

O esquecimento, todavia, implica o erro, a culpa etc., enquanto a lembrança permite recordar o que foi condenado ao esquecimento. Dessa forma, as recordações são caracterizadas como libertadoras. O esquecimento é intrínseco ao indivíduo e a memória, em razão das pressões sociais, diante das ameaças cotidianas no seio da sociedade, poderá gerar problemáticas sociais:

A memória é essencialmente social. Trata-se de um instrumento que prevê consequências negativas na comunidade em que o homem está inserido. Se ele não lembra o que foi imposto pelos dirigentes, o castigo será uma consequência fatal

[...]. A memória surge social e brutalmente [...], em contrapartida, o ato de memorizar valoriza o esquecimento que permite ruminar e digerir as experiências (GONDAR; DODEBEI, 2005).

Nesse sentido, uma *memória do futuro*<sup>2</sup> vinculada ao esquecimento, que dá lugar às novas avaliações, criações e experiências dos sujeitos que estão em constante movimento, promove rupturas que são capazes de desconstruir “memórias” outrora “cristalizadas” pela ação ideológica, romper o silêncio que caracterizava o esquecimento, fazendo, assim, falar os silenciados, e dando lugar a inúmeras vozes, a novos atores e a múltiplas representações (BARRENECHEA, 2005).

Vivemos, portanto, entre a memória e o esquecimento, talvez por vivermos em uma sociedade que nos impõe modos de ser e não ser, de estar e não estar. Contudo, certamente precisamos dessa dialética para continuarmos constituindo novos olhares sobre as experiências cotidianas, a fim de apreender e instituir outros sentidos e trajetos. Isso porque é a memória que nos permite lembrar de quem somos e é o que nos faz querer ir a algum lugar e modificar os rumos.

#### 4 REFLEXÕES FINAIS

A memória, seja ela individual ou coletiva, constitui-se a partir do presente, dialogando sempre com os objetos que recortamos da realidade para analisar a condição do conhecimento materializado na contemporaneidade. Neste cenário, a representação da memória vai ao encontro dos aspectos materiais e imateriais dos objetos construídos e reconstituídos pela sociedade, no tempo e no espaço, no interior das relações sociais.

Para a realização desta pesquisa, consideramos, portanto, a contribuição da discussão desse tema como ponto de partida ou como continuação de uma trajetória de debates, estudos e pesquisas acerca da relação interdisciplinar entre memória e representação, envolvendo a reflexão sobre tempo e espaço e sobre lembrança e esquecimento.

Nesse sentido, ao longo do presente estudo, também reconhecemos que analisar as relações e os conceitos de representação na contemporaneidade constitui um desafio expresso essencialmente pelos mais abrangentes usos, abordagens e definições que podem ser associados ao referido termo.

---

<sup>2</sup> Este conceito de *memória de futuro* está esboçado apenas na obra nietzschiana – NIETZSCHE, Frederich. **Além do bem e do mal, prelúdio a uma filosofia do futuro**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Igualmente, compreendemos que o modo de entender, apreender e representar o passado é construído, processado e integrado à vida das pessoas, subsidiando, assim, as identidades culturais. Essa reconstrução do passado, seja a nível individual ou coletivo, está impregnada de identificação em um contexto em que se estabelece a relação entre o presente e o futuro, onde espaço e tempo são coordenadas básicas diretamente envolvidas com os sistemas de representação, que, por sua vez, traduzem seu objeto em dimensões espaciais e temporais. Pudemos visualizar, então, essa relação - espaço e tempo - em diferentes eventos representados na sociedade, os quais influenciam e são influenciados por memórias e identidades.

A partir daí, inferimos que a memória pode ser, portanto, apreendida como um processo constante de representação que nos permite discutir hábitos de pensamentos, expressões e comportamentos que se disseminam nos campos sociocultural e político, os quais são determinantes, muitas vezes, no estabelecimento do que será lembrado ou esquecido.

Entretanto, vimos que a memória assimila também como característica o processo reativo que a realidade provoca no sujeito. Ela se forma e opera a partir da reação, dos efeitos, do impacto que as experiências exercem sobre os grupos ou sujeitos, construindo um imaginário que se fundamenta como uma referência permanente de futuro.

Dessa maneira, a memória representada autoriza-nos a tecer diversas e diferentes leituras e ressignificações a partir do olhar e do contato com o que foi materializado, possibilitando a ampliação dos horizontes e a recuperação do passado, na tentativa de compreendermos o nosso ser e estar no mundo, a dinâmica social e a interação dos fatos, além de enriquecer o sentimento de pertencimento a uma determinada cultura ao reconfigurá-la.

É importante lembrarmos que a memória e o esquecimento não estão nas coisas e nem nos lugares especificamente, mas nas relações entre os seres. Entre os seres e as coisas, entre as palavras e os gestos. Os lugares são cenários nos quais se desenvolvem essas relações e as coisas configuram-se como resultados. Compreender que memória e esquecimento podem ser trabalhados, cultivados e semeados corrobora a consciência de ampliar a desconstrução e o entendimento desses conceitos que também envolvem conflitos e enfrentamentos fomentados pelo poder, os quais exigem fortalecimento e consolidação, pois semeiam e produzem memórias e esquecimentos, rastros sobre mudanças e permanências entre o passado e presente.

## REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- BARRENECHEA, Miguel Angel de. Nietzsche e a genealogia da memória social. *In*: GODAR, Jô; DOBEDEI, Vera. (Org.) **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005. p. 55-71.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, Patrícia Cimino C. A representação da memória e identidade em "O piano" de Aníbal Machado. **CES Revista**, Juiz de Fora, v. 21, p. 86-98, 2007.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia**. 2. ed. São Paulo: 34, 2004.
- FEITOSA, Luis Tadeu. **A praia de Iracema como patrimônio cultural: patrimônio de quem?** Fortaleza: Olhar Midiático, 1998.
- GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005.
- HESÍODO. **Teogonia - A origem dos deuses**. Estudo e tradução de J. Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1992.
- HOBSBAWM, Eric J. **Sobre história: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 2003.
- NIETZSCHE, Frederich. **Além do bem e do mal, prelúdio a uma filosofia do futuro**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. "O olhar do estrangeiro". *In*: NOVAES, Adauto (org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- PLATÃO. Diálogos. *In*: **Fédon**. São Paulo: Abril Cultural, 1972. v. 3.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro**. Tradução: Lucy M. César. Campinas: Papyrus, 1990.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2007.
- ROSÁRIO, Cláudia Cerqueira do. O lugar mítico da memória. **Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social**, [S. l.], v. 1, n. 1, sep. 2014. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/4011>. Acesso em: 9 abr. 2020.

SILVA, Maria Aparecida de M. A cultura na esteira do tempo. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 3, n. 15, p. 102-112, 2001.

SOUZA, Jovelina Maria Ramos de. **Mnemosýne e lesmosýne**: os atributos das Musas em Hesíodo. (Texto avulso). Acesso em: 9 abr. 2020.

VERNANT, Jean Pierre. **Mito e pensamento entre os gregos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro/Editora da Universidade de São Paulo, 1993. p. 73-74.

Recebido/ Received: 12/07/2020  
Aceito/ Accepted: 10/12/2020  
Publicado/ Published: 18/01/2021



*Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0)*